

Nasce um país nas dunas

Nas terras áridas do Saara, as tendas da jovem república começam a mudar a paisagem. O governo popular está se organizando, enquanto a mortalidade infantil e o analfabetismo vão aos poucos sendo erradicados

Onde existiam apenas ervas daninhas e areia, existem hoje acampamentos que se parecem muito com cidades de verdade. Só que ao invés de construções sólidas, as ruas e bairros estão tomados por tendas, feitas com pele de camelo, que servem para tudo: ministérios, escolas, mesquitas, centros de atendimento materno-infantil, prédios da administração pública etc. Tudo isso forma a República Árabe Saarauí Democrática

(Rasd) que a Frente Polisario construiu no deserto nestes últimos cinco anos, apesar da guerra e das adversidades do clima.

Quem chega nos acampamentos custa a acreditar que, em tão pouco tempo e em condições tão adversas, a Frente Polisario tenha conseguido criar acampamentos tão organizados. Não há crimes – pelo menos é o que afirmam a população e os dirigentes da Frente Polisario –, a administração é feita por autogestão das comunidades e não há qualquer tipo de privilégio. A mulher, marginalizada em alguns países árabes, é tratada em pé de igualdade com o homem, cuidando de todo trabalho de organização e administração.

O que surpreende não é só a organização popular. O planejamento é também o traço marcante dos acampamentos. São ao todo três *wilayas* (regiões administrativas): El-Aiun, Smara e Dakhla, as três principais cidades do Saara Ocidental. As *wilayas* são formadas pelas *dayras* (23 acampamentos que abrigam os 120 mil refugiados saarauís ao longo da fronteira sudoeste da Argélia, na desértica região de Tinduf). Os governos locais são exercidos por cinco comitês, todos eleitos pela população.

As *wilayas* são os órgãos dirigentes dos acampamentos e funcionam como conselhos, onde atuam os representantes dos diferentes departamentos populares: justiça, saúde, ensino, transportes etc.



Parto no hospital "Mustapha Sayed", na wilaya de Dakhla

Saúde e educação – Os saarauís têm particular interesse em falar da justiça. "Justiça e revolução são duas coisas inseparáveis. Num processo revolucionário como o nosso, a justiça é indispensável. De outra forma, não haveria revolução. Injustiça nosso povo conhece bem. Vivemos sob o colonialismo e vimos nossa terra ser invadida", afirmam.

Não é só na administração da justiça que os saarauís vêm obtendo bons resultados. Há também dois

outros problemas que eles têm enfrentado com sucesso. São a mortalidade infantil, reduzida a níveis mínimos, e o analfabetismo. O ministro da Saúde, Salek Bõbih, resume assim a situação: "Não fosse a guerra, estaríamos numa situação muito boa. Apesar disso, a mortalidade infantil foi reduzida a níveis mínimos."

O ministro lembra que em quase um século de colonização, os espanhóis não formaram um único médico entre a população saarauí. Agora, acrescenta ele, a situação começa a mudar:

"Os primeiros médicos saarauís já estão sendo preparados no estrangeiro. Aqui nos acampamentos temos formado muitos quadros médios, como o pessoal de enfermagem e técnicos sanitários."

Outra herança negativa dos tempos do colonialismo é o analfabetismo. Várias escolas estão surgindo, inclusive com cursos de alfabetização para adultos. No momento, há três grandes escolas nacionais: a Escola 9 de Julho (para crianças órfãs ou que não podem viver junto dos pais), voltada para o ensino primário; a Escola 12 de Outubro, para jovens de ambos os sexos, voltada para o ensino secundário; e a Escola 27 de Fevereiro, que cuida do ensino técnico-profissional para mulheres. Nesta escola, as alunas recebem também instrução militar. Há também um programa para formação de quadros no exterior, já iniciado.